

ARTE E EDUCAÇÃO INFANTIL: IMPORTÂNCIA E EQUÍVOCOS EM SUA PRÁTICA

Ana Paula Sandes Araujo; Iraíde Vieira dos Santos Lima

*Universidade Federal de Alagoas (UFAL-Campus do Sertão) ana.1997.paula@hotmail.com;
iraidestlima@outlook.com*

Resumo: O presente artigo objetiva discutir acerca da arte e sua importância na educação infantil, entendendo a educação artística como artefato fundamental para o desenvolvimento da criança como ser ativo, que pensa, sonha, brinca, dança e vive as mais diversas experiências por meio da arte, que por ela é produzida constantemente, assim como, objetiva perceber os desafios encontrados no ensino da arte pelos docentes, compreendendo as perspectivas e falhas dessa prática. Todas as discussões aqui apresentadas defendem a perspectiva de uma educação estética, que compreende as sensações, os sentimentos e os sentidos como parte fundante do ser, componentes expressados principalmente através do brincar, que na sua essência, guarda uma variedade de expressões artísticas, contidas nas canções, na troca de olhares e sorrisos entre as crianças, no movimentar-se, no imaginar, fantasiar, viajar no mundo do faz de conta. É considerando a criança como ser histórico e de direitos, e compreendendo a educação infantil como o momento de sociabilidade e desenvolvimento do eu e do outro, que os procedimentos metodológicos aqui adotados se deram qualitativamente por meio de um estudo bibliográfico, que na sua essência buscou contemplar a historicidade da educação infantil, compreendendo os direitos da criança, inclusive o de se expressar livre e artisticamente pelas brincadeiras, movimentos e suas diversas linguagens. Um outro ponto a se contemplar foi o estudo de algumas leis e referências teóricas para o ensino da arte na educação infantil, assim como, outros escritos a respeito dessa temática. Toda a discussão foi desenvolvida através da necessidade de expandir o olhar para a criança, para a sua livre expressão do saber, para o seu eu poético e criador que é desvalorizado pelas instituições de ensino. Diante disso, e dos estudos apresentados, podemos compreender que a criança é arte em pessoa, que guarda no seu interior múltiplos pensamentos, fantasias, sonhos, canções, olhares e inúmeras imaginações, e é diante de toda essa riqueza artística que precisamos vencer o comodismo, a falta de estímulo dos professores, para que possamos então, construir uma educação estética, que compreende os sentimentos e os sentidos como parte fundante do ser, colaborando assim, para a valorização da criança, da sua história, e da educação infantil.

Palavras chave: Arte, Educação Infantil, Professor, Ser Poético.

1. INTRODUÇÃO

As discussões acerca da arte na educação infantil estão estritamente voltadas a concepção do que é ser criança, do que é a infância e os direitos por ela proporcionado. É por meio de tal conhecimento que as práticas artísticas devem ser aplicadas, como uma forma de despertar novos interesses, habilidades, e desenvolver na criança as suas prioridades e propriedades, definidas e pré-estabelecidas por lei.

Levando em consideração alguns debates acerca da arte na educação infantil, a criança como construtora e receptora dessa educação, e o professor, como aquele que conduz e proporciona as diversas experiências, esse artigo é fruto de uma

disciplina metodológica ofertada pelo curso de pedagogia, pela Universidade Federal de Alagoas, UFAL-Campus do Sertão. A relevância desse trabalho se dá na necessidade de proporcionar diálogos e discussões acerca dos contrapontos ainda existentes no ensino da arte na educação infantil, uma modalidade de ensino, que ao conhecer a criança como um ser social e de direitos e ao ser definida como a fase de socialização e conhecimento de si e do outro, deve consequentemente compreender a criança como ser artístico, que vive a arte e conhece o mundo a partir do brincar, do falar, do sentir ou do expressar-se.

É nessa perspectiva que a criança será aqui pensada como um ser que pondera mil e uma possibilidades, que se expressa por seus mais diversos modos e movimentos, que sente, chora, ri e imagina, compreendendo a criança como poesia, arte em pessoa. Pensar em arte é pensar na poesia desenvolvida pela criança, e pensar também na prática que orienta e encaminha esse ensino na educação infantil. É perceptível os equívocos encontrados em sala de aula, a desvalorização das produções e desejos infantis, a resistência em apresentar o novo, proporcionar experiências diversificadas e não reduzir as produções artísticas em mero produto.

A arte deve ser vivida, pensada, repensada, refeita, reimaginada, deve ser a expressão de um ser livre, capaz de manifestar-se de forma confortável, instigante. Esses artefatos já desenvolvidos pelas crianças antes mesmo da educação infantil devem ser apropriados pela criança através do professor, que por meio de uma educação estética, capaz de despertar as percepções e conhecimentos, sejam eles, culturais ou sociais do mundo, devem ampliar o repertório de experiências, sensações, sentimentos e percepções. Com base nisso, esse artigo tem por objetivo compreender a importância da arte na educação infantil e trazer uma abordagem acerca dos equívocos e contrapontos presentes na prática do professor de educação infantil.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Levando em consideração a historicidade implicada nas concepções hoje relevantes acerca da criança e da infância, pensando nos debates até então realizados sobre as especificidades dessa criança, sobre o professor de educação infantil e a relação com os seus educandos, esse estudo tem um caráter qualitativo, buscando por meio de estudos bibliográficos compreender a problemática envolvida. De acordo com Moreira, o objetivo principal em desenvolver uma pesquisa bibliográfica é “colocar

o pesquisador em contato direto com tudo o que já foi produzido na área em questão (2008, p 74)”. O que nos faz entender a pesquisa bibliográfica como a união de produções relevantes que formam um aparato de informações significantes para o leitor. Pensando nessa perspectiva, esse artigo é fixado principalmente nos estudos de Ostteto (2011) a base para a discussão acerca da arte, da educação estética e da criança como ser poético, seguido de um aparato histórico fixado nos estudos de Furlanetto(2006), Silvestre(2010), Kramer(2007), e dos escritos de Girardello(2011) assim como, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, as diretrizes e o referencial curricular nacional para a educação infantil, apresentando alguns dos direitos da criança e deveres da educação infantil.

3. POR QUE TRABALHAR ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL, QUAL SUA IMPORTÂNCIA?

Pensar em arte ou uma educação artística é pensar consequentemente na criança e em seus direitos, no tipo de educação ao qual deve estar inserida. Durante a idade média a criança era vista como um ser impotente, incapaz, com um papel mínimo perante a sociedade, geralmente, representadas como “pequenos homens”, tanto na vestimenta quanto na participação na vida social” (FURLANETTO, 2006, p. 2707). A criança era tratada como um adulto, sem nenhum tratamento ou olhar especial, ausente de afetividade e vítimas de muitas doenças que assolavam até então a sociedade, causando um grande número de mortes. A visão adultocêntrica para com as crianças, suas péssimas condições de vida e o advento da industrialização tiravam o direito de desenvolver-se como criança e viver a infância, uma vez que eram submetidas ao trabalho, e proibidas de desenvolver suas múltiplas linguagens.

O esforço necessário pelo reconhecimento da infância e das especificidades da criança veio ter início por volta do século XX. De acordo com (KRAMER, 2007, p. 13), “ a ideia de infância surgiu no contexto histórico e social da modernidade, com a redução dos índices de mortalidade infantil, graças ao avanço da ciência e a mudança econômica e sociais”. A partir daí, também surge um duplo viés, a criança considerada “impotente” como também fruto do pecado e necessitada de uma educação reguladora, rígida, capaz de moralizar essa criança passa a ter uma nova especificidade, uma vez que essa criança passa a ser vista como um ser doce, frágil, ingênuo, surgindo aí a paparicação.

Cabe aqui lembrar que a noção que se tinha sobre a criança e necessariamente a infância não podia em tal contexto ser condenada. Pois, “As

concepções de infância mudam de acordo com a sociedade, sendo assim esta concepção está ligada a cultura que cada povo possui, ou seja, a infância não é vista igual em todos os lugares” (SILVESTRE, 2010, p 31) o que nos faz pensar que mesmo a noção de infância e criança sendo remodelada e repensada no decorrer dos anos, essa noção não é a mesma em todos os lugares, em algum lugar do mundo, ou em determinada cultura, a criança pode ainda não conhecer a arte de brincar, imaginar, movimentar-se e viver em completa plenitude.

No que diz respeito a educação, os jardins de infância e as creches, fundamentadas pelas ideias de Froebel constituíram as primeiras instituições a receber e educar crianças de 0 a 6 anos, mesmo que tais instituições tivessem por vez um caráter assistencialista, nem tanto educacional. Assim:

Historicamente surgem duas modalidades de atendimento às crianças de 0 a 6 anos no Brasil: os jardins-de-infância para crianças abastadas e as creches ou escolas maternas que prestavam assistência e educavam as crianças com menos recursos financeiros (FURLANETTO 2006, p 2711).

Esse já seria um passo a mais na história da infância e na luta em prol dos direitos a educação das crianças. Dentro desse mesmo século o direito a educação e acessibilidade das crianças à escola vem se desenvolvendo a partir da implantação de políticas governamentais (FURLANETTO, 2006) e hoje no Brasil temos importantes documentos que reconhecem os direitos e especificidades da criança:

(...) a Constituinte de 1998, a primeira que reconhece a Educação infantil como direito da criança de 0 a 6 anos de idade, dever de estado e opção de família; o estatuto da criança e do adolescente (Lei no 8.069 de 1990), que afirma os direitos da criança e as protege; e Lei de Diretrizes Bases da educação nacional, de 1996, reconhece a educação infantil como a primeira etapa básica (KRAMER, 2006, p. 20, *apud*, SILVESTRE, 2010, p. 18).

Essas são as principais leis que fixaram direitos e percepções acerca da criança e suas peculiaridades. Porque então, foi importante apresentar brevemente esse contexto histórico quando estamos falando na verdade sobre arte? A resposta para essa pergunta se dá ao observarmos o que é ser criança atualmente. Que para Brasil é um:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2010, p. 12).

Para expandir essas especificidades já constituída como direito da criança, a arte é uma ferramenta imprescindível, capaz de desenvolver desde a imaginação, a interação, criatividade e ao corpo. A arte, ou educação artística, na educação infantil deve ser o alicerce para as demais atividades. Se a educação infantil objetiva a interação e a sociabilidade entre as crianças estimulando suas mais diversas formas e linguagens, a dança, a música, a imaginação, os movimentos corporais, a contação de histórias, o inventar e o reinventar artístico situa-se como chave para esse processo de interação e desenvolvimento pessoal e social.

A arte, a qual nos referimos, apresenta-se não apenas como uma disciplina presente na grade curricular para essa modalidade de educação, mas como desenvolvimento e relações expressivas, de sentimento, de curiosidade ou rebeldia. Já dizia Ostetto (2011, p. 5) que a arte não se resume a momentos e atividades isoladas, mas deve implicar no olhar, na escuta, nos sentidos. É por essa razão a autora defende a arte como a expressão da poesia, ou a poesia em expressão. “A poesia(...)como todo o universo da arte, sinônimo de tudo quanto é inteiro, envolvendo pensamento e sentimento, razão e emoção. Poesia é (...) imaginação e sonho fazendo-se cores, formas, sons, gestos, movimentos” (OSTETTO 2011 apud OSTETTO, 2007). Sendo assim, a criança pode ser vista como um ser completamente poético e com direito de desenvolver a sua poesia através das atividades artísticas que devem ser parte do cotidiano de toda instituição educacional infantil.

A arte, não apenas nesta modalidade de ensino, mais em toda a educação básica, constitui componente obrigatório e que deve ser trabalhado em uma perspectiva de desenvolvimento não só pessoal, com social e cultural. De acordo com a LDB Art 26, parágrafo 2º “O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”, o que nos faz entender que as escolas devem ter um olhar atento para o seu currículo, proporcionando e observando se a educação artística está contemplando e desenvolvendo a criança integralmente, tal como, dando valor e trabalhando os aspectos regionais, ampliando assim o conhecimento e apropriação da cultura.

É através da orientação do professor, e dos materiais por ele apresentado e exposto que a criança vai se apropriando da arte e conseqüentemente da sua cultura, a exposição dos educandos aos diferentes gêneros musicais, a obras das mais diversas proporções, a pintura, as brincadeiras que proporcionem as diversas sensações e estimulem a capacidade de imaginar e se ver neste ou naquele personagem vai constituindo um gosto,

uma identidade, um encontro da criança com as diferentes culturas e formas de ver o mundo, tal qual, o reconhecimento do seu povo e princípios culturais. Deve-se a todo tempo estimular as expressões livres por parte das crianças, estimular os sentidos, o olhar atento para o mundo, para as obras, para os objetos, ouvir atentamente, sentir as mais diversas sensações, pensar nas mais diversas possibilidades, imaginar, buscar conhecer o novo, respostas as perguntas e dúvidas internas, sonhar, ouvir e ser ouvido, reconhecer-se e ser reconhecido como criança, que pensa, que fala o que sabe do mundo e das pessoas a sua volta. E não existe atividade melhor que o brincar para se experimentar de todas essas especificidades.

A brincadeira constitui uma das principais formas de garantir e proporcionar a criança o direito de “ser criança”, de exercer sua ousadia e autonomia perante o mundo ao qual está inserida. A primeira característica presente no brincar é a imaginação, a capacidade de sonhar e idealizar mundos, objetos, pessoas e coisas. De acordo com Girardello:

A imaginação é para a criança um espaço de liberdade e de decolagem em direção ao possível, quer realizável ou não. A imaginação da criança move-se junto — comove-se — com o novo que ela vê por todo o lado no mundo. Sensível ao novo, a imaginação é também uma dimensão em que a criança vislumbra coisas novas, pressente ou esboça futuros possíveis (GIRARDELLO, 2011, p.76).

Sendo assim, a imaginação por si só já é poesia, é a arte de levar a criança para onde ela quiser, ou desejar. No brincar também está presente a música, um dos componentes que estimulam amplamente a sensibilidade da criança, a percepção, seus gostos e saberes culturais. De acordo com isso Brasil afirma:

Ouvir música, aprender uma canção, brincar de roda, realizar brinquedos rítmicos, jogos de mãos etc., são atividades que despertam, estimulam e desenvolvem o gosto pela atividade musical, além de atenderem a necessidades de expressão que passam pela esfera afetiva, estética e cognitiva. Aprender música significa integrar experiências que envolvem a vivência, a percepção e a reflexão, encaminhando-as para níveis cada vez mais elaborados (BRASIL, 1998, p. 48).

Hoje o repertório de brincadeiras musicais é imenso, e capaz de desenvolver coisas específicas em cada criança ou em um grupo delas, uma vez que proporciona através da sua letra e seu ritmo, diferentes sensações e descobertas. É importante diante do que foi apresentado entender que a arte está nas mais diversas atividades, que muitas vezes passam despercebida pelos docentes em sala de aula. Trazer aqui a importância do brincar como a primeira e mais viável forma de desenvolver arte é mostrar que dentro desse brincar existe a música, a imaginação, o desenvolvimento das percepções e dos

sentidos, componentes indispensáveis para a ampliação de uma educação estética. Sendo assim, pode-se dizer que desenvolver a arte na sala de aula, ou desenvolver o ser artístico, não é uma tarefa impossível, muito menos difícil, pois a criança é arte em si mesma, nos seus movimentos, pensamentos, no seu brincar repleto de riquezas, de poesia, de arte.

4. OS EQUÍVOCOS DO ENSINO DA ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Temos a criança como um ser poético, que está inserida numa sociedade repleta de valores culturais e históricos, uma criança que é protagonista e ator, dono de uma imaginação que vai além do que entendemos como real e concreto, e se na escola for incentivada, por meio dos professores e do seu trabalho pedagógico, pode desenvolver-se não apenas intelectual ou cognitivamente, como também, despertar habilidades e desenvolver as ideias e sentimentos contidos no seu ser.

As escolas de educação infantil nas suas práticas rotineiras tendem a trabalhar arte de forma muito restrita, não desenvolvendo a integralidade do ser, e o seu “eu poético”, geralmente trabalha em uma perspectiva tradicionalista, cumprido a hierarquia que ainda prevalece dentro das escolas. Como diz (OSTETTO, 2011, p.5) “[...]o que temos presenciado é a simplificação e o empobrecimento da “arte” em uma versão escolarizada, encerrada no fazer e visando a um produto, colocando em ação “o mesmo para todos”. “Sigam o modelo”, “é assim que se faz”. O que nos faz compreender o quanto o ensino, e o desenvolvimento do eu poético limita-se a simples obtenção de conteúdos didáticos ou habilidades rotineiras, que visam na sua integralidade um produto final.

A educação infantil, processo inicial de acolhimento, interação e desenvolvimento da criança, é o momento exato de proporcionar um contato mais amplo com a arte, esta, que já vem sendo desenvolvida antes mesmo da entrada da criança na instituição, e que no ambiente educacional começa a ser expressada pelos rabiscos, que para a criança é uma obra de muito significado, uma obra que expressa sua imaginação, pensamentos e sensibilidade, e com ajuda de um adulto, necessariamente o seu professor, interlocutor, pode vir a aflorar interesses, descobertas e habilidades.

A precariedade no desenvolvimento das atividades e do despertar artístico da criança se dá por meio da própria escola, que não deixa, ou interrompe, o mostrasse da criança por inteira. Podemos perceber por parte dos próprios docentes o olhar insignificante para com os rabiscos, os movimentos, as expressões, o dançar, o falar, entre

outas características com um valor e significado amplo para criança, e desprezado pelo docente que não reconhece essas expressões como arte, ou como algo singular de cada um. O professor não precisa ajeitar, ou vir com aquele “arrumadinho”, deve-se deixar a criança se expressar da forma como ela se sente, sem roubar-lhes o direito de ser, de estar, de querer. Ampliando essa ideia Ostetto (2011) diz:

Por que a instituição educativa persiste em didatizar, em escolarizar as formas de expressão, inclusive nos visuais de suas salas? Por que a pobreza da mesmice, do simplificado, formatado, pedagogicamente arrumado? (OSTTETO, 2011, p.9).

Diante disso, pode-se perceber que a realidade educacional traz um amplo processo de reproduções históricas, que detém o ensino da arte como um simples fato de pintar ou encher as salas exageradamente de desenhos, pinturas, ou como dito anteriormente, ao arrumadinho, que aqui representa o comodismo do professor em inovar, submeter seus educandos a recortar, sujar, ouvir e pensar. Os docentes geralmente insistem em fazer os arrumados, para mostrar aos pais, atividades, recortes ou pinturas perfeitas, cobranças essas advindas até mesmo da direção escolar, excluindo a qualidade desse processo e o tornando-o meramente quantitativo.

A arte é trabalhada de forma simplificada na educação infantil, infelizmente grande parte das escolas trabalham pouco a arte, e ainda exigem dos pequenos trabalhos bem feitos, paredes limpas, crianças impecáveis, com roupas e mãos limpas, sem mancha de tinta. Isso por que a escola tem uma disciplina e acordo com os pais e a sociedade, querendo sempre vender a imagem de uma escola perfeita, exemplar.

Não podemos repetir os mesmos erros de parte dos docentes que temos hoje em sala de aula, de bloquear as crianças neste espaço que eles têm com a arte, temos que ser mediador, pois a arte é um trabalho educativo, estimula a inteligência e contribui para a formação e desenvolvimento do indivíduo. O docente pode mudar a sua sala de aula, ou local onde as atividades artísticas aconteçam, tornando o ambiente agradável, buscando expor os trabalhos dos alunos, valorizando a arte que eles propõem durante o momento da aula. As imagens que são postas nas paredes das creches e pré-escolas não são neutras, portam um discurso, um significado, contam histórias, “[...] denota leituras e modulam nossos modos de ver” (OSTTETO, 2011, p.8) as imagens que são expostas dos alunos só valorizam cada vez mais seu trabalho, suas linguagens, uma vez que através destas a criança relata seus sentimentos e conhecimentos acerca do mundo:

(...) as imagens que compõem os espaços educativos estão nos ensinando sobre as crianças, como são, do que gostam e como devem ser educadas. Assim, muito além de uma ‘inocente decoração de ambiente’, estas ambiências são construções sócio-culturais-educativas que funcionam, também, como ‘máquinas de ensinar’. (OSTTETO, 2011, p.8 apud CUNHA, 2005, p. 135).

Como dito, os desenhos são fontes que possibilitam ao professor conhecer o aluno, a visão que este tem do mundo, a sua cultura, as suas relações e modos de pensar, o que nos leva a entender que não é preciso interferir na singularidade dos desenhos feitos pelas crianças, os professores não precisam chegar na sala contudo feito, pronto, sem dar espaço para a criança se expressar, como também, utilizar de imagens midiáticas ou fotocópias com desenhos padronizados, ampliando a ideia de superioridade ou perfeição sobre as produções infantis. Diante disso, Silvestre defende que:

Professor tem como objetivo desenvolver uma educação em arte, que busque inserir o aluno como ser ativo, dando oportunidades para conhecimentos, de forma diversificada, permitindo a participação do aluno de forma integral onde ele possa analisar, interagir, planejar, executar e refletir sobre seus trabalhos (SILVESTRE, 2010, p.15).

Sendo assim, o professor tem que estar preparado para trabalhar de forma interativa, onde a arte deve aparecer como artefato vivo na sua prática, como algo que facilita e possibilita o desenvolvimento da criança, reconhecendo as suas capacidades e despertando a sua imaginação, pensamentos e possibilidades de conhecer o novo. Deve-se por meio do trabalho docente existir o contato com as diversas formas de fazer arte, numa perspectiva de aflorar o eu poético e desenvolver uma educação estética.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte na educação infantil não deve ser trabalhada apenas como uma disciplina da grade curricular, mas deve ser parte do cotidiano da escola. Pensar em arte nessa modalidade de ensino é pensar no desenvolvimento integral da criança, e enxergá-la como um ser puramente artístico. A principal e primeira arte desenvolvida pela criança é a arte de brincar, é dentro desta, que outras artes são desenvolvidas e adaptadas, como a arte de imaginar, de idealizar mundos, sonhos, fantasias, a arte de reproduzir e construir músicas, desenvolvendo a percepção, os movimentos e dando autonomia ao corpo e a mente.

A arte nessa perspectiva não pode ser vista como algo irreal, ou restrito em atividades rotineiras, onde o colorir e dançar as mesmas músicas constitui o dito “ensino da arte”. Nesse processo, os sentidos da criança precisam ser despertados, e para esse papel não há melhor profissional que o professor. Ele que exerce a função de mediar esses processos, exercitar o espírito de liberdade e autonomia dos alunos para criar, experimentar, conhecer e buscar o novo. Sendo assim, a arte constitui-se objeto natural dos educandos, porém, precisam ser despertados, aflorados, orientados corretamente por parte do docente em prol do desenvolvimento e valorização do ser poético e toda a sua capacidade de imaginar, criar, falar, descobrir e fazer um mundo de possibilidades, expressões, cultura e singularidades.

6. REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases e Bases da Educação Nacional**. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

_____. Ministério da educação. Secretaria de educação básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**/Secretaria de Educação Básica.- Brasília: MEC, SEB,2010, p. 36.

_____. Ministério da educação e do desporto. Secretária de educação fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: MEC, SEF, 1998.

FURLANETTO. Beatriz. **Da infância sem valor à infância de direitos**: diferentes construções conceituais de infância ao longo do tempo histórico. EMBAP,2006, 2704-2716 p.

GIRARDELLO. Gilka. **Imaginação: arte e ciência na infância**: Campinas, v. 22,2011. 75-92p.

KRAMER, Sônia. A infância e sua singularidade. In: **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**/ organização Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricelia Ribeiro do Nascimento. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. 135 p.: il.

MOREIRA, Henvelto. **Classificação da pesquisa**. In: _____. Metodologia da pesquisa para o professor. Rio de Janeiro: Lamparina,2008, p.69-93.

OSTETTO. Luciana Esmeralda. Educação infantil e arte: sentidos e práticas possíveis. **Caderno de Formação**: formação de professores educação infantil princípios e fundamentos. Acervo digital Unesp, v. 3, 2011, 27-39 p.

SILVESTRE. Juliana. **Arte na educação infantil**: UNESCO, 2010, 59 p.